

Nesta edição:

Indicadores rurais:	
Bovinos de corte	1
Carne no varejo	1
Indicadores rurais:	
Outras categorias	2
Vacinas	2
Relações de troca	2
Direto ao Ponto	2
Texto Técnico	3
Produtor rural em foco	4
Custos insumos pecuários	5
Texto técnico II	6
Noite da Pecuária	8

O Boletim da Pecuária é um projeto de extensão rural desenvolvido pelo CTPEC – Centro de Tecnologia em Pecuária, que conta com professores, alunos de graduação e pós-graduação e colaboradores externos.

Coordenação Técnica:
Prof. Ricardo Pedroso Oaigen

Acadêmicos envolvidos:
Bibiana Bastos Giudice
Christina Manfio Christmann
Fabiani da Rocha Ebling
Joana Closs Engelhardt
Maria Antonyela L. Carvalho
Valentina Albornoz

Apoio institucional:
Associação e Sindicato Rural de Uruguiana.

Para críticas e/ou sugestões, entre em contato:

Telefone
(55) 9609-7081

E-mail
ctpec@hotmail.com

CONTAMOS COM A SUA COLABORAÇÃO!

15ª Edição – Julho de 2015.

INFORMAÇÃO DE QUALIDADE PARA O PRODUTOR RURAL DA FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL

O Boletim da Pecuária tem por objetivo proporcionar aos produtores rurais de Uruguiana (RS) e região um informativo mensal com dados de mercado e informações para orientá-los no suporte à tomada de decisão.

INDICADORES RURAIS – BOVINOCULTURA DE CORTE

	Unidade	Preço 30 Dias (R\$)	Dólar ¹ (US\$)
Boi Gordo	Kg Vivo	5,30 – 5,55	1,70 – 1,78
	Carcaça	10,70 – 11,70	-
Terneiro	Kg Vivo	5,80 – 6,00	1,86 – 1,92
Novilho sobreano	Kg Vivo	5,20 – 5,30	-
Novilha sobreano	Kg Vivo	5,00 – 5,20	1,60 – 1,67
Vaca Gorda	Kg Vivo	4,50 – 5,20	1,44 – 1,67
	Carcaça	10,40 – 10,60	-
Vaca de Invernar	Kg Vivo	4,00 – 4,20	1,28 – 1,35

Coleta de preços realizada no dia 01 de julho de 2015 diretamente com corretores e pecuaristas.

¹ Um (1) Dólar americano = R\$ 3,12 (Banco Central do Brasil em 02/07/2015).

CARNE NO VAREJO (R\$)

CORTES BOVINOS	Local ¹	Local ²	Local ³	Local ⁴	Local ⁵	Local ⁶	Média
Costela	15,90	12,99	15,40	24,00	21,95	16,90	17,86
Vazio	25,90	19,99	18,80	24,70	20,95	21,90	22,04
Linguça	11,90	14,00	13,98	16,00	16,90	16,90	14,95
Carne Moída 1^a	23,90	19,99	19,80	29,50	23,99	18,90	22,68
Carne Moída 2^a	19,45	10,99	10,80	9,50	10,99	12,90	12,44
Coxão Mole	24,90	21,79	21,80	32,50	25,99	19,90	24,48
Patinho	18,90	19,99	19,80	26,30	21,49	18,90	20,90
Coxão Duro	16,90	18,99	18,80	25,80	21,49	18,90	20,15
Alcatra	29,90	25,99	25,50	35,60	28,90	23,90	28,30
Picanha	22,90	42,99	35,80	46,90	45,00	23,90	36,25
CORTES OVINOS							
Paleta	36,88	25,90	20,50	28,00	20,90	17,90	25,01
Costela	-	16,99	20,50	19,00	20,90	17,90	19,06
Quarto	-	-	19,90	29,00	20,90	17,90	21,93
Espinhaço	-	-	20,90	11,00	18,90	17,90	17,18

Coleta de preços realizada no dia 29 de junho de 2015 com mercados e casas de carnes de Uruguiana.

OVINOS	Unidade	Preço (R\$)	Dólar (US\$)
Cordeiro	Kg Vivo	5,00	1,60
	Carcaça	-	-
Ovelha	Kg Vivo	4,00 – 4,50	1,28 – 1,44
	Carcaça	-	-
Lã Merino	Kg	13,00	4,17
Lã Amerinada	Kg	12,00	3,85
Lã Prima A	Kg	11,00	3,52
Lã Prima B	Kg	10,00	3,20
Lã Cruza 1	Kg	9,00	2,88
Lã Cruza 2	Kg	8,00	2,56
Lã Cruza Branco	Kg	5,00	1,60
Lã Cruza Preto	Kg	3,00	0,96
BOVINOS DE LEITE			
Leite	Litro	1,00	0,32

Coleta de preços realizada no dia 01 de julho de 2015 diretamente com corretores e pecuaristas.

VACINAS

	Unidade	Preço (R\$)
Brucelose	Dose	1,49
Clostridioses	Dose	0,67
Febre Aftosa	Dose	1,48
Leptospirose	Dose	0,75
Raiva (Bov/Equ)	Dose	-
IBR/BVD	Dose	5,10
Carbúnculo Hemático	Dose	0,56
Encefalomielite Equina, Tétano e Influenza Equina	Dose	40,50
Foot Rot	Dose	1,84
Tétano	Dose	0,66

Coleta de preços realizada no dia 19 junho de 2015. Média dos preços de estabelecimentos comerciais localizados no município de Uruguai/RS.

RELAÇÕES DE TROCA

Boi Gordo ² x Terneiro ³	2,4
Boi Gordo ² x Kg Sal Mineral (65 P)	1.290
Boi Gordo ² x ml Antibiótico (Oxitetraciclina)	13.550
Boi Gordo ² x Ton Uréia	1,6
Boi Gordo ² x Salário Mínimo Nacional	3,1
Boi Gordo ² x Kg Ração (18% PB)	2.197

² Boi de 450 Kg de Peso Vivo = R\$ 2.439,00 (R\$ 5,42/Kg);

³ Terneiro desmamado, de 7-8 meses, 170 Kg = R\$ 1.003,00 (R\$ 5,90/Kg);



DIRETO AO PONTO

MANEJO DE OVELHAS PRENHAS

Marcelo Fittipaldi Kleinübing e Thaís Lopes Gonçalves – Acadêmico(a) do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Pampa – Uruguai/RS

O período de gestação da ovelha pode ser dividido em fases distintas de acordo com suas exigências nutricionais. Para obtenção de um bom cordeiro e manutenção da saúde das matrizes estas fases devem ser respeitadas e bem manejadas.

Nos dois primeiros terços da gestação os animais apresentam uma menor exigência, portanto, nessa etapa, poderá ser fornecido alimento que satisfaça as exigências nutricionais de manutenção das matrizes. É importante lembrar que o estado nutricional das ovelhas irá influenciar os índices de concepção, implantação embrionária e desenvolvimento placentário.

O terço final da gestação, a partir dos 100 dias pós-concepção, compreende o período de maior exigência alimentar, pois é neste que o feto duplica seu peso corporal. Os requerimentos da ovelha gestando um cordeiro aumentam cerca de 50% e em parte gemelares em torno de 75%. Neste período as matrizes devem receber a melhor alimentação possível, em quantidade e qualidade, caso contrário utilizará suas reservas, podendo levar a problemas metabólicos como a toxemia da prenhez.

Deve-se ainda atentar para o fato de que os extremos devem ser evitados, o excesso de gordura, somado ao tamanho do útero gravídico, faz com que a capacidade de ingestão de pasto seja limitada e sua passagem pelo trato digestivo seja mais rápida, contribuindo para o menor digestibilidade pelo animal.

Associado a uma dieta de boa qualidade, deve-se sempre atentar para o manejo sanitário do rebanho. De 15 a 30 dias antes da parição é importante realizar a limpeza da cabeça, períneo (região vulvar e entre pernas) e do úbere, deixando livres os dois tetos para facilitar o acesso pelos cordeiros e evitar mortes por inanição, hipotermia e problemas associados a baixa imunidade. Aspectos como vermifugação e vacinações pré-parto (clostridioses) também devem ser considerados.



Tristeza Parasitária Bovina **Babesiose e Anaplasmosse**

Por Roulber Silva,
Gerente de Serviços Técnicos de
Ruminantes da Merial Saúde Animal

A presença de agentes infecciosos no rebanho bovino causa elevadas perdas nos índices de produtividade e por consequência relevantes prejuízos econômicos. A **Tristeza Parasitária Bovina (TPB)** é desses males, que ocasionam altos índices de mortalidade e morbidade, impactando diretamente no aumento de custos com tratamentos emergenciais e no atraso do crescimento dos animais infectados, entre outros aspectos.

A TPB, também conhecida popularmente como “Tristezinha”, “Amarelão”, “Piroplasmose” e “Mal da boca branca”, é na verdade, um complexo de doenças que inclui a babesiose, causada por protozoários do gênero *Babesia* (espécies *Babesia bovis* e *Babesia bigemina*) e a anaplasmosse, causada por uma rickettsia do gênero *Anaplasma* (espécie *Anaplasma marginale*). Ambas podem apresentar infecções simultâneas, com sintomas e reações semelhantes, como, por exemplo, a intensa hemólise no organismo, fazendo com que as hemoglobinas sejam liberadas no plasma do animal.

Porém, não deixam de ser doenças distintas, que não dependem uma da outra, e exigem tratamento próprio. A infecção é causada pelo desenvolvimento e multiplicação de babesias e anaplasmas nas células, os sinais clínicos mais comuns são: febre, anemia, coloração amarelada de pele e mucosas (icterícia), urina avermelhada, redução ou paralização da ruminância, anorexia e apatia/prostração.

O principal transmissor dessas enfermidades aos bovinos é o carrapato *Rhipicephalus (Boophilus) microplus*, porém, no caso da anaplasmosse, a transmissão também pode ocorrer através da picada de insetos hematófagos (como moscas, mosquitos e tabanídeos) ou através do uso de agulhas, seringas ou aparelhos cirúrgicos contaminados. Em nosso país há três epidemiologias distintas em relação à TPB.

A primeira é denominada **situação livre**, o vetor não sobrevive por mais de uma geração, todos os animais são sensíveis, pois não desenvolvem imunidade contra os agentes causadores da TPB.

A segunda é classificada como situação de **instabilidade enzoótica**, onde o clima impede a presença do carrapato ao longo do ano. O vetor esta presente apenas em algumas épocas do ano, e isto não permite que todos os animais tenham contato com o agente etiológico. Ou seja, é possível que um bezerro tenha nascido e só tenha contato com o agente quando adulto, desta maneira não terá desenvolvido a sua imunidade ativa para proteção natural. Ocorrem surtos de TPB, principalmente nos animais que ainda não tinham entrado em contato com o agente, sendo a mortalidade elevada.

A terceira situação é classificada como de **estabilidade enzoótica**, o carrapato ou outros vetores estão presentes ao longo do ano, podendo ficar ausente por períodos curtos (máximo de 3 meses). Os bezerros entram em contato com o agente enquanto ainda são jovens e desenvolvem imunidade ativa. Desta forma,

quando entrarem em contato novamente com o agente etiológico já estarão protegidos.

Para evitar que a doença se alastre é necessário o tratamento do animal, através da utilização de fármacos eficientes, além de oferecer o tratamento de suporte aos animais que inclui, quando necessário, fluidoterapia, transfusão de sangue e utilização de anti-inflamatórios. No campo, na maioria das vezes, não se faz o diagnóstico laboratorial, portanto o tratamento instituído abrange a babesiose e a anaplasmosse.

Os medicamentos mais indicados para o tratamento da babesiose são os derivados das diamidinas, ou seja, produtos à base de diaceturato de diminazeno como o Vivaseg LA ou Vivatet LA. Para o tratamento da anaplasmosse indicamos produtos à base de oxitetraciclinas como o Tetradur LA-300 ou o Terraflan LA.

Para infecções mistas, a melhor indicação é o medicamento à base de diaceturato de diminazeno em conjunto com a oxitetraciclina pronta para uso, como o Vivatet LA que ainda possui o piroxicam, um excelente anti-inflamatório como tratamento de suporte. *Porém pode-se também optar pela combinação do Vivaseg LA + Tetradur ou Vivaseg LA + Terraflan LA.*

Como tratamento de suporte, também pode-se aplicar anti-inflamatórios não esteroidais (AINE) e, nesse caso, a indicação é o Ketofen 10%, medicamento à base de cetoprofeno (AINE de dupla ação) que tem excelente ação antipirética (anti-térmica), analgésica e anti-inflamatória.

A Merial, líder mundial em saúde animal, disponibiliza no mercado importantes fármacos que auxiliam no controle da enfermidade, ação fundamental para minimizar os prejuízos.

- **Vivatet LA:** Tem em sua composição diminazeno, diidrato de oxitetraciclina e piroxicam. Ele é indicado para o tratamento de bovinos infectados por *A. marginale*, *Anaplasma* spp e/ou *Babesia* (*B. bigemina* e *B. bovis*), assim como para infecções secundárias causadas por agentes sensíveis às tetraciclinas, que podem ocorrer na TPB.

- **Vivaseg LA:** Tem em sua composição diminazeno, fenazona e cianocobalamina. **Vivaseg LA** é indicado para o tratamento de babesioses e tripanossomoses em bovinos.

- **Tetradur® LA-300 Injetável** é um antibiótico de amplo espectro, à base de oxitetraciclina na concentração de 30%, indicado para o tratamento e controle de infecções como: anaplasmosse, pneumonias, enterites, pododermatites, onfaloflebites, leptospirose, infecções uterinas, mastites, queratoconjuntivite bovina, artrites e outras doenças causadas por organismos sensíveis às oxitetraciclinas.

- **Terraflan LA:** É composto de cloridrato de oxitetraciclina e piroxicam. O **Terraflan** é indicado para tratar bovinos com anaplasmosse, pneumonia, leptospirose, podridão do casco, actinobacilose, queratoconjuntivite infecciosa, mastite, enterite bacteriana (*E. coli*, *Salmonella* spp), feridas infecciosas, pericardite infecciosa e onfaloflebite. Além de auxiliar no controle e prevenção de infecções pós-operatórias e pós-parto causadas por germes sensíveis à oxitetraciclina.

PRODUTOR RURAL EM FOCO

Nesta edição conversamos com o Sr. Miguel Augusto Bittencourt Barbará, proprietário da Agropecuária Santa Ana, localizada no município de Uruguai/RS, que trabalha com bovinos braford, ovinos corriedale e equinos crioulos, além de orizicultura.

Conte um pouco da história da sua propriedade e da sua trajetória como criador:

A Agropecuária Santa Ana teve início no ano de 1989, porém esse nome veio do que no princípio era chamada Agrícola e Pastoril Barbará S.A ano de 1938, onde teve origem os campos da Santa Ana, que na primeira divisão foi chamada de Estância Nova Esperança, já na mão dos herdeiros Miguel Augusto Silva Barbará e Maria Tereza Barbará no ano de 1960. Estes receberam como casco da criação plantel de Hereford PO, rebanho Corriedale e uma manada de cavalos PSI.

Por que da escolha das raças criadas na propriedade?

Na verdade hoje estar criando Braford foi uma consequência, com certeza na busca de produtividade na pecuária, pois, o foco da Santa Ana sempre foi de ser sustentável na produção. A genética foi consequência deste trabalho, que foi feito com orientação técnica competente, e não poderia ter sido uma escolha melhor, pois já tínhamos o casco Hereford com muitos anos de seleção. Assim, só seguimos a orientação da raça, escolhendo os reprodutores zebuínos que mais acreditávamos que iriam contribuir economicamente com os nossos objetivos.



Qual análise você faz da cadeia produtiva da carne bovina no RS e no Brasil?

Melhorou muito nos últimos anos, mas ainda é muito desorganizada, com problemas logísticos em geral. Tanto para produzir o boi no campo (dificuldade de obtermos resíduos para composição de rações a preços compatíveis com a atividade), como após o abate a logística para entrega dos produtos é também prejudicada, muitas vezes, pela distância e estado precário de nossas estradas e falta de uma malha viária eficiente. E os programas de carne são muito dispersos entre as raças, cada um brigando pela sua marca e não objetivando o foco (CARNE).

Qual a tecnologia de produção que você considera de maior impacto dentro de uma fazenda de gado de corte?

Eu responderia que são três, sendo que, na nossa propriedade são trabalhadas em conjuntos, que são:

- T.E – Transferência de Embriões
- I.A – Inseminação Artificial
- IATF + Touros

Nessa ordem seriam as que considero de maior impacto, pois é visível quando se está selecionando animais e chegamos a um lote de fêmeas top na produção de terneiros que são fenotipicamente

superiores do resto do seu plantel, as DEP's acima da média do rebanho avaliado, contentarmo-nos com produzir apenas uma cria por ano sendo que desta matriz conseguiremos com a tecnologia da transferência de embrião produzir média de 12 produtos por ano isso me leva a crer que esta ferramenta é indispensável para uma empresa que está preocupada em produzir genética bovina de qualidade. No caso da Santa Ana, posso afirmar, foi a tecnologia que mais impactou nos últimos cinco anos, pois desde 2009 já produzimos mais de 4.500 embriões, sendo grande parte destes comercializados para diversos estados da federação e alguns países do Mercosul.

As outras duas técnicas, I.A e IATF, creio que são as mais factíveis e mais urgentes para melhorar a pecuária brasileira no geral, apesar de serem técnicas já bastante conhecidas ainda são pouco utilizadas, então temos trabalho a ser desenvolvido para tentarmos conseguir atingir alguma excelência nessa área.

Quais os principais desafios da bovinocultura de corte e ovinocultura no RS?

Concorrer com a agricultura é impossível na minha opinião, portanto creio que o principal desafio são as pessoas - nós os gaúchos. Temos que mudar a nossa maneira de pensar, deixarmos de ser individualistas. Eu poderia nessa entrevista estar falando da raça Braford, da minha família, mas não é o foco, eu sei que sou apenas mais um. Temos que nos unir e falar de carnes de raças britânicas e sintéticas, pois somente assim vamos ter volume de produção para fornecermos ao Brasil e ao mundo essa proteína hoje tão valorizada pelo mercado. Se seguirmos pensando que temos a melhor carne do mundo, não é assim, não representamos nem 3% da carne consumida no país e criar 0,8 – 1 unidade animal por hectare não paga as nossas contas.

Qual deve ser o perfil atual do pecuarista na sua visão?

Ativo no seu negócio, pois ficar esperando de bota e bombacha, com respeito as nossas tradições, na volta do fogo de chão não funciona mais, hoje o tempo é valioso! Temos que subir em um avião não para tirar férias apenas, e sim visitar o Brasil com olhos de criador e ver o quanto podemos contribuir com a pecuária nacional e como os nossos colegas do Sudeste, Centro-Oeste e Norte do país estão fazendo um trabalho fantástico de desbravamento com esta raça chamada: Nelore, que eu aprendi a respeitar viajando em inúmeras regiões do país nesses dois últimos anos. Temos muito que aprender com esses pecuaristas de outras regiões, mas também muito que ensinar, e podem ter certeza que tem uma grande diferença nisso. Eles sabem que nós temos muito a ensinar, vamos aproveitar esse momento.

Qual a mensagem você deixa para quem está iniciando na atividade?

Foco é o principal. Trabalho é o combustível. Acreditem nessa proteína nobre e mãos à obra!

Produto		Unidade	Preço (R\$)
Sal Mineral	40 P	Kg	1,50
	65 P	Kg	1,89
	80 P	Kg	2,15
Sal Proteinado	35 PB	Kg	1,87
	45 PB	Kg	1,50
Adubo	NPK – 8:20:20	Ton	1.385,00
	NPK – 5:20:20	Ton	1.300,00
	MAP	Ton	1.850,00
	DAP	Ton	1.850,00
Dessecante		Litro	20,00
Uréia – 45:0:0		Ton	1.500,00
Brincos de Identificação	Bovinos	Unidade	1,30
	Ovinos	Unidade	0,90
Ração	Desmame de terneiros – 18% PB	Kg	1,11
	Manutenção – 12% PB	Kg	0,92
	Terminação – 14% PB	Kg	0,98
	Equinos	Kg	1,09
Antibiótico	Oxitetraciclina	ml	0,18
	Benzilpenicilinas (Pencivet)	ml	0,64
Vermífugos	Albendazole (Oral)	ml	0,05
	Levamisole (Injetável)	ml	0,06
	Levamisole (Oral)	ml	0,05
	Oxifendazole	ml	-
	Doramectina (Injetável)	ml	0,18
	Closantel	ml	0,05
Diclofenaco sódico		ml	0,39
Antidiarréico		ml	0,51
Soro Glicosado		500 ml	8,75
Soro antitetânico		Dose	8,40
Mata-Bicheira	Spray Prata 500 ml - Ectoparasitário	Frasco	19,00
	Líquido 250 ml - Ectoparasitário	Frasco	6,45
Aveia		Kg	1,35
Azevém		Kg	4,55
Calcário		Ton	110,00
Isolador (Cerca Elétrica) – Tipo W		Unidade	0,95
Arame Liso		Metro	0,27
Óleo Diesel		Litro	2,75

Coleta de preços realizada no dia 19 de junho de 2015. Média dos preços de estabelecimentos comerciais localizados no município de Uruguaiana – RS.

Genética para qualidade de carne?

*Por Fernando Furtado Velloso
Assessoria Agropecuária FFVelloso & Dimas Rocha*

O crescente número de programas de carne de qualidade e novas marcas de carne levam a discussão sobre a genética bovina mais apropriada para este fim. Todo este assunto iniciou-se com a Carne Angus no Brasil, mas o conceito e o raciocínio valem para outras raças que buscam diferenciar a sua carne. Praticamente todas as marcas buscam no marmoreio o seu diferencial, o seu pilar, mas convém revisar um pouco o assunto.

Faz um bom tempo que discuto com clientes e colegas este tema, pois noto que há um erro de origem, onde se discute qual a melhor genética ou o melhor o touro para produzir carne de qualidade sem antes conceituar “qualidade de carne” ou os sistemas de classificação de carcaças nos frigoríficos e também da remuneração ao produtor.

Importamos o “modelo” de carne de qualidade dos Estados Unidos e de lá também trazemos genética, DEPs, Índices Econômicos, conceitos, e touros Top 0,1% para isso ou aquilo. Pois bem, entendo ser útil revisar de forma bem simples algumas diferenças em como é classificada uma carcaça lá e cá. A “classificação de carcaças” está em patamares de desenvolvimento muito distantes entre Brasil e EUA. A certificação da Carne Angus americana iniciou em 1978 e no Brasil em 2003. Logo, eles têm muita experiência e vivência acumuladas neste tempo todo. Veja nos quadros a seguir como são avaliadas as carcaças nos dois países.

Sistema de Classificação de Carcaças nos EUA (Beef Grading)		
Quantitativo	Yield Grade (1-5)	Estima o rendimento em carne: peso e constituição Considera a quantidade de gordura e a proporção carne:gordura. <i>* Em muitos frigoríficos é realizado de forma eletrônica por análise de imagens (Video Scan)</i>
Qualitativo	Quality Grade <i>Prime Choice Select Standard</i>	Indicativo da qualidade da carne (palatabilidade) Orientado para aumentar maciez, suculência e sabor Considera: sexo, maturidade (ossificação) e marmoreio*
Complementar	Outros	Certificações por programas de raças - Ex: Certified Angus Beef: <i>Especificações para Pesos Máximos de Carcaça, Marmoreio acima de modesto, Área do Olho de Lombo e limites para cobertura de gordura</i> Sistema de produção (a pasto, com grãos) Livre de Hormônios (NHT) Orgânicos

Fonte: Beef Board e Certified Angus Beef (USA), elaborado pela Assessoria Agropecuária

Sistema de Classificação de Carcaças no Brasil (Ex: Programa Carne Angus)		
	Item	Parâmetro mínimo
Quantitativo	Peso de carcaça	Sem limites, acima de 13@, acima de 240 kgs, acima de 170 kgs (conforme a indústria)
Qualitativo	Sexo Idade Acabamento Conformação	Macho castrado, macho inteiro e fêmeas Até 2 dentes, até 4 dentes, até 8 dentes (conforme a indústria) Mediano (3); A partir de Sub-retilínea (somente considerado em uma indústria)
Complementar	Raça/cruzamento	A partir de 50% Angus, a partir de 5/8 Angus (conforme a indústria)

Fonte: Tabelas de Bonificações – Site CARNE ANGUS, elaborado pela Assessoria Agropecuária

O propósito da apresentação destes sistemas não é demonstrar que um é melhor que o outro, mas sim evidenciar que são métodos de avaliação de carcaças e, conseqüentemente, de qualidade de produto final muito distintos. Ambos buscam diferenciar um produto “selecionado” de um produto padrão (ou não selecionado), mas com sistemas e critérios muito diferentes. Nos EUA, o abate de novilhos europeus, jovens e bem terminados corresponde à média. No Brasil, o grande volume de abates corresponde a novilhos zebuínos, com menos terminação (comparativamente ao americano) e mais “erados”. Logo, as bases ou referências para diferenciação são muito

desiguais, pois o mercado e os consumidores finais estão habituados com produtos “base” muito diferentes. Nos EUA oferecer, na maioria das vezes, carne macia não é diferencial, mas sim o padrão. Logo, outras características devem ser controladas. Uma questão simples e prática está no processamento das carcaças. Nos EUA as carcaças são cortadas na 12ª costela e neste ponto são avaliados Área de Olho de Lombo (AOL, *Rib Eye*) e Marmoreio. No Brasil o corte ocorre na 5ª costela e a avaliação de AOL e Marmoreio não são feitas rotineiramente. Somente ocorrem em alguns abates técnicos ou experimentais (pesquisa). O chamado “quarteiro”, onde se divide a carcaça em dianteiro, costilhar e traseiro é um processo totalmente diferente nos dois países.

O MARMOREIO (com letras maiúsculas) é o grande norte da produção de carne de qualidade (ou diferenciada) nos EUA e as tecnologias em genética, manejo e nutrição estão voltadas para produzir mais marmoreio e de forma mais barata. Pesquisas de mercado nos EUA demonstraram que incrementos nos escores de marmoreio melhoram a satisfação do consumidor (Marbling Score and Probability of Positive Eating Experience, Emerson – 2010). De outra parte, o americano busca produzir mais marmoreio em carcaças com menos gordura, pois os custos de produção são mais altos em carcaças gordas e o aproveitamento industrial prejudicado. Aqui temos outro ponto distante entre as nossas pecuárias, pois em média necessitamos de carcaças mais bem terminadas, seja por via genética ou alimentar. Os frigoríficos e programas de carne no Brasil não penalizam carcaças excessivamente terminadas porque esta situação representa a exceção. A presença e a valorização do marmoreio em diversas marcas de carne no Brasil ocorre em função da genética (raças) e sistema de alimentação, mas não é um item controlado e monitorado continuamente. Algumas marcas até oferecem linhas especiais com alto marmoreio (ex: *VPJ Black Angus*), mas são cortes separados após a desossa e visualmente superiores nesta característica.

O mapeamento da genética Angus nos EUA para qualidade de carne está muito avançado. Os genes para peso de carcaça, área de olho de lombo, marmoreio e maciez são quantificados por ultrassonografia, marcadores moleculares e com menor importância também em abates. Tal situação levou ao desenvolvimento de DEPs e Índices:

DEP's e Índices Econômicos (\$) relacionados com qualidade de carne (EUA)

Item	Característica	
DEP – CW	DEP Peso de carcaça	
DEP – Marb	DEP Marmoreio	
DEP – REA	DEP Área de Olho de Lombo	
DEP – Fat	DEP Gordura de cobertura	
\$ F	Índice Confinamento	Rendimento em USD/cabeça
\$ G	Índice Classificação de Carcaça	Rendimento em USD/cabeça
\$ B	Índice Valor Carne	Rendimento em USD/cabeça

Fonte: American Angus Association, elaborado pela Assessoria Agropecuária.

Não é necessário detalhar cada DEP e cada Índice Econômico, mas fica claro compreender que estes são orientados para atender as necessidades dos confinamentos e da indústria americana, buscando alcançar os melhores desempenhos econômicos e as melhores classificações (grading) possíveis. Sendo o sistema de classificação de carcaça tão distante do nosso é fácil concluir que as relações diretas com a nossa realidade são muito pequenas.

Observe que os touros americanos (ou canadenses, ou argentinos...) TOP 5%, 1% ou os famosos 0,1% para determinadas características ou índices econômicos não necessariamente estão alinhados com as necessidades do produtor brasileiro ou do que denominamos aqui de “Carne de Qualidade”. O tema genética para carne de qualidade é um grande desafio para os produtores de genética brasileiros e para as centrais de inseminação. Esta genética deve atender variados sistemas de comercialização e classificação de carcaça, do uso de genética ANGUS em cruzamento e das características do produto que temos e que queremos ter. De outra parte, pensando somente na rentabilidade dos sistemas de produção de carne, a nossa vaca gorda tem pequena desvalorização se comparada ao novilho superior e em outros países ela é tratada (\$) como descarte. Bom, mas este é já é outro assunto e merece uma coluna inteira para discussão.

PRODUTOR RURAL, O JUNTOS PARA COMPETIR FOI FEITO PARA VOCÊ

O Programa Juntos para Competir promove o desenvolvimento das principais cadeias produtivas e segmentos do agronegócio gaúcho. Venha fazer parte dessa iniciativa você também. Procure o SEBRAE, o SENAR ou o Sindicato Rural mais próximo da sua região.



NOITE DA PECUÁRIA

A palestra proferida no evento noite da pecuária abordou o tema “planejamento tributário em negócios rurais”. O palestrante, Ricardo Paz Gonçalves, advogado e sócio-diretor da Affectum Consultoria, de Porto Alegre, dividiu o tema em três grandes aspectos que segundo ele são os que mais frequentemente afetam os produtores rurais: tributação da transmissão das propriedades, tributação das propriedades e tributação da exploração.

Quanto a tributação da transmissão das propriedades os destaques ficaram por conta das oportunidades que existem para os produtores rurais de reduzirem o imposto de renda incidente no caso de uma eventual venda do imóvel a terceiros, através da aplicação da legislação mais recente, desde que a venda seja planejada com tempo suficiente. Além disso foi ressaltada a tendência de que o Brasil, a exemplo de outros países, passe a taxar mais fortemente as heranças, exigindo que os produtores passem a se planejar e preparar para tal realidade.

Quanto a tributação das propriedades o principal aspecto tratado foi a instituição do imposto sobre grandes fortunas que vem sendo fortemente debatido no âmbito da atual equipe econômica. O palestrante destacou que a depender da maneira como o imposto venha a ser regulamentado, poderá impactar significativamente o produtor rural, na medida em que a valorização dos imóveis rurais poderá facilmente ensejar a caracterização deles como detentores de grandes fortunas.

Quanto a tributação da exploração da atividade rural, o palestrante destacou que poucos produtores rurais exploram adequadamente todas as possibilidades de economia que a legislação lhes põe à disposição, notadamente no que se refere a possibilidade de constituição de pessoas jurídicas para a exploração da atividade. Neste sentido foi apresentado o funcionamento de cada regime tributário e a forma como podem ser combinadas a exploração entre pessoa física e jurídica através de contratos de arrendamento ou parceria. Por fim, foi salientado que estas oportunidades de planejamento tributário da exploração da atividade rural através do uso de pessoas jurídicas devem ser combinadas com estratégias societárias e sucessórias que contemplem a harmonização dos interesses familiares, a perenidade do negócio e a adequada proteção do patrimônio familiar, o que geralmente se faz através do uso das chamadas sociedades “holding”.



WORKSHOP PLANEJAMENTO TRIBUTÁRIO DE EMPRESAS RURAIS

O workshop concentrou-se abordagem da temática da sucessão familiar onde o palestrante Ricardo Paz Gonçalves demonstrou que as origens das estratégias de planejamento tributário apresentadas no decorrer do curso decorrem principalmente da adequação dos negócios rurais as necessidades de profissionalização e governança.

Neste contexto foi apresentado como é constituída e de que forma operam as sociedades holding que são utilizadas no contexto do agronegócio como alternativas de planejamento societário, sucessório-familiar e tributário. Quanto ao tema o grande destaque foi para o fato de que estas estratégias devem ser adequadas as características do negócios e das famílias envolvidas, podendo aplicar-se para grandes ou pequenas propriedades com os devidos ajustes e customizações.



Foi dada ênfase, no contexto destes planejamentos, para a necessidade de elaboração de um acordo de sócios onde os familiares regem aspectos importantes do desenvolvimento dos negócios, tais qual, o tratamento dos agregados e os regimes de casamento dos sócios, os critérios para ingresso de familiares no negócio e na sociedade, normas de convivência e uso do patrimônio familiar, formas e critérios de avaliação e pagamento para os casos de retirada ou falecimento de um ou mais sócios, a prestação de contas dos administradores, as formas de remuneração de sócios e administradores, etc. O palestrante ressaltou que é necessário atender a estes objetivos sem perder de vista a economia tributária que também pode ser significativa.